

CEFAS CARVALHO

NOITE  
PASSADA  
EU SONHEI  
QUE  
ALGUÉM  
ME AMAVA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Jeanne Araújo

IMAGEM DA CAPA: Meysa Medeiros

FOTO DA ORELHA: Itapoã Costa

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331n CARVALHO, Cefas. –  
Noite passada eu sonhei que alguém me amava / Cefas Carvalho.  
– Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.  
136 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-574-4

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## CAFÉ FRIO

Desde menino que conhecia Joana. Mais conhecida como Joaninha. Brincava com os outros garotos, gostava de bola, carrinho de rolimã e peteca. Mas não era metida a ser *mãria-homem*, não, nada disso. Magrinha, bonita, dona de uns olhos apertados que pareciam se fechar quando sorria, ela chamava a atenção. Não sei se dos outros meninos. Pelo menos a minha atenção ela chamava. Quase morri quando ela me chamou para tomarmos sorvete na mercearia do Zezinho, na praça da igreja. Ela tinha doze anos, eu, uns treze. Mas, ela já era decidida, tinha ares de mulher. Joana Pontes. Eu, um garoto bobo e tímido, um nada na frente dela.

Recordo bem de uma noite, com a turma toda reunida na praça, sem fazer nada, como acontece em cidades pequenas no interior. Joana, então, deu a ideia de a gente entrar no cemitério para mostrarmos coragem. O próprio padre Assis trancava seus portões e era mais zeloso com o repouso dos mortos do que com as necessidades dos vivos. Tentei argumentar, assim como outros, mas era inútil. Joaninha bateu pé e disse que se ninguém fosse ela iria sozinha. Como poderíamos nós, os garotos, descobrindo as nuances da masculinidade, aceitar que

uma menina pudesse ter mais coragem do que a gente? Lá fomos todos nós, uns nove, rumo ao cemitério.

Pulamos o portão lateral, menos visto e mais acessível. A lua estava cheia e se, por um lado iluminava a noite, dava à nossa aventura um ar mais lúgubre. Passeamos, uns com pavor, outros com coragem, ou pelo menos, fingindo tê-la, pelas ruelas do cemitério, Joana liderando aquele pelotão de adolescentes. Até que ouvimos um barulho, como se um portão de metal batendo. Não segurei um grito de medo e isso foi o bastante para que todos corressem, cada um para um lado, tentando sair daquele lugar de mortos e cheiro de flores e velas. Alcancei um muro lateral mais baixo, pulei, ajudado pelas asas do pavor, e corri para casa. Já no aconchego do lar, me arrependi por não ter me preocupado com Joaninha. Teria ela conseguido sair do cemitério? O que teria acontecido?

No dia seguinte, tudo se revelou. O barulho no portão nada mais tinha sido que um cachorro que esbarrou em uns ferros abandonados no cemitério. Joana e as outras duas meninas, Maria da Graça e Soninha, foram as últimas a conseguir pular o portão, acabaram flagradas pelo farmacêutico que voltava para a casa e haja confusão em algumas das casas, em especial a de Joana, cujos pais eram rigorosos e de poucas palavras e afagos. A partir daí, Joaninha não falou mais comigo como antes, sempre com respostas secas e olhares atravessados. Certamente me culpava – com razão – pelo fracasso da nossa epopeia juvenil ao cemitério. Quase todos foram castigados sendo proibidos de irem à tradicional festa do padroeiro, Santo Antônio, cujo nome eu carregava.

A partir daí também outras coisas aconteceram na nossa pequena cidade. Uma fábrica de biscoitos fora inaugurada, com pompa e circunstância, gerando empregos e renda. Gerou também situações inéditas para os rapazes da cidade. Com a fábrica, também aportaram técnicos e funcionários qualifica-

dos para manusear máquinas complexas e ensinar o ofício aos trabalhadores locais. Eram homens “da cidade”, como se dizia, falavam diferente, mais bonito, vestiam-se melhor e principalmente, tinham mais segurança em falar com as mulheres que nós, adolescentes que jamais havíamos passado da quermesse da cidade vizinha, não sonharíamos possuir. Evidentemente, as meninas afastaram-se de nós e dedicaram-se a, em tempo quase integral, travar conhecimento e possivelmente algo mais, com os novos hóspedes. Joaquina, sempre afoita e de personalidade forte, não foi exceção e quase diariamente era vista papeando com um rapaz aqui, depois tomando um café com um homem na sorveteria chique da cidade. Enfim, foi preciso que os pais dela, conservadores e brutos, como eu já explicara, intervissem na situação para que a filha “não ficasse mal falada”, como se dizia.

É preciso dizer que já contávamos todos entre dezesseis e dezessete anos. Joana havia crescido e ganhara formas, curvas. Que não passaram despercebidas pelos rapazes da rua, do bairro. Nem por mim. Na solidão do meu quarto eu me aliviava pensando em Joaquina, mas, sempre com toques de romantismo, imaginava nós dois dormindo em uma imensa cama de casal, planejando viajar para longe daquela cidade, ver novos mundos, novos ares, sempre eu e ela de mãos dadas. Eu nem queria fazer o que fazia, de tanto que gostava dela e tinha intenções sérias (tanto que planejei uma centena de vezes pedi-la em namoro, mas, me faltava coragem tanto quanto me sobrava a consciência que ela jamais aceitaria), mas, de repente, me flagrava me aliviando com o rosto, o corpo dela na mente. Depois escrevia em um caderno que eu guardava escondido, o nome dela, trinta, cinquenta, cem vezes.

Uma noite, quando eu bebia cerveja com os amigos no bar de Jotó, vimos passar pela gente Joaquina de mãos dadas com um rapaz da capital. Sabia que isso era inevitável, mas, não

consegui controlar o engasgo na garganta, um vazio esquisito por dentro. Discretamente, saí investigando os detalhes daquela história. Tratava-se de Rafael Gomes, que diziam ter vinte e seis anos, era mecânico de máquinas pesadas e estava na cidade de sobreaviso caso uma delas quebrasse. Como até então as máquinas funcionavam com perfeição, ele dedicava o tempo livre – que era muito – a se fazer ver pelas moças da cidade. Comentaram que ele flertou com Carminha e com minha prima Ana Célia, mas, se encantou mesmo foi com Joana, que teria conhecido justamente na sorveteria de seu Zezinho. Sem medo de compromisso, aparentemente, foi à casa dos pais de Joana pedir a mão dela, no que, com algumas ressalvas, claro, foi bem-sucedido.

Naquela noite bebi não apenas as cervejas de sempre com os amigos, mas meia garrafa de conhaque de alcatrão, o que me rendeu uma bebedeira grande e uma ressaca pior ainda. Fiquei dois dias de cama, e o médico descobriu ainda que eu sofria de uma disfunção pulmonar e não poderia fazer esforços físicos nem beber álcool em demasia. Minha mãe decidiu me mandar para a cidade vizinha, de clima mais ameno, passar uns dias de recuperação com meus tios.

Um mês depois, de volta à cidade, uma reviravolta. Rafael Gomes, homem respeitador e de boa conduta, foi flagrado em uma festa na cidade vizinha aos beijos, e um pouco além disso, com a filha do presidente da Câmara Municipal da cidade. Foi um escândalo que, claro, atingiu frontalmente a Joana que não aceitou as desculpas do rapaz, cuspiu no rosto dele, enfim, até que por bem a diretoria da fábrica decidiu mandá-lo de volta à capital. Contudo, essa a primeira parte da novidade. A segunda era que poucos dias após o término do namoro com Rafael, Joaninha se envolveu com outro homem, desta vez mais velho – contava trinta anos – e sem a aprovação dos pais. Genildo Barbosa estava na cidade havia uns meses, aproveitando a fábrica,

para vender mármore e granitos. Dizia-se que era dono de uma pedreira em uma cidade próxima. Bruto, forte, de poucas palavras, parecia um “papel de enrolar prego”, como era usual se comentar na cidade. Era estranho entender o que Joana – de personalidade forte, mas, inteligente, culta, sensível – vira naquele homem que parecia feito do mesmo material que vendia.

Obtive a resposta para tal pergunta da própria, quando nos encontramos no restaurante recém-inaugurado. *Vingança!*, disse, sem meias palavras. Explica-se: ela começou a receber cartas de Rafael pedindo perdão e dizendo que queria se casar. Mas, Joana não era mulher de perdoar uma traição, muito menos resultante em exposição pública. E lembrou-se de cena de ciúmes que o rapaz fizera uma vez ao perceber o olhar de Genildo para ela. *Por que não Genildo? Poderia ser qualquer um, qualquer outro. Os homens são todos iguais mesmo...* – Disse ela. *Poderia ser eu?*, pensei, na ocasião. Despedimo-nos alegremente como se voltando à velha afinidade perdida havia anos. No dia seguinte embarquei para a cidade vizinha, novamente para a casa dos meus tios.

Desta vez um ano se passou. Terminei os estudos básicos e comecei a trabalhar com meu tio, na loja de variedades, aproveitando que eu era bom em cálculos. Conheci a capital, embora, confesso, ela mais me assustasse que atraísse. Comecei a economizar dinheiro, fazer planos. Voltei poucas vezes à cidade natal, quase sempre com meu tio e a trabalho, de maneira que não tive tempo de conversar com os amigos e conhecidos e muito menos de perguntar sobre Joana, a quem comecei a pensar com cada vez menos frequência.

Mas, retornei à cidade para a festa do padroeiro. Estava com meus tios e a família grande em uma mesa na praça, próxima a igreja quando vejo se aproximar de mim uma mulher magra, de cabelos muito curtos com um bebê no braço. *Boa noite, Antônio!* – Ela sorriu. Foi quando reconheci Joana. Con-

videi-a para sentar à mesa, mesmo com a notória desaprovação da minha família, mas ela recusou. *Meu marido não iria gostar que eu sentasse em alguma mesa...* – explicou. Desfraldou um sorriso amargo ficasse e se foi.

A partir disso foi fácil saber o que se passara. Pouco empolgada com o namoro com Genildo, Joana fazia vistas grossas para as traições dele, e vivia em conflito constante com os pais, que desaprovavam o namoro, mas, já que ela insistia nele, esperavam pelo menos mais seriedade dos dois lados. As traições e bebedeiras de Genildo eram conhecidas na cidade e além-fronteiras, mas Joana não se importava: terminara os estudos e se preparava para se mudar para a capital com uma amiga, mesmo com a desaprovação dos pais.

Contudo, um imprevisto mudou os planos de todos. Joana ficou grávida. Claro que a primeira reação dos Pontes foi de choro e ranger de dentes. Cogitaram expulsá-la de casa e, por extensão, da cidade. Depois, a sensatez – e a tradição – resultou no óbvio. Joana foi impelida, convencida, forçada, enfim, a se casar com Genildo. Este por sua vez, não viu com maus olhos a situação. Precisava de uma mulher em casa e, de certa forma, achava que também já estava na hora de “se aquietar”, como ele dizia. Grávida de seis meses, Joana se foi para morar de vez com Genildo, em sua casa ao lado da marmoraria, na cidade natal dele.

Passaram-se mais dois anos. Morei com meus tios, economizei o suficiente para comprar um terreno para mim na minha cidade natal, noivei, desnoivei e vivi sem sobressaltos, alternando poucas saídas com os poucos amigos e a solidão do meu quarto primeiro, depois da minha casa, uma vez construída. Abri uma loja de peças na praça principal na semana da festa do padroeiro. Celebrava a parte profana da festa bebendo com familiares e amigos quando, na fila para comprar quantidade, encontrei Joana.



Não consegui conter o espanto com o que vi. Parecia outra pessoa. Uma sombra da Joaquina que corria com os meninos, se maquiava à revelia dos pais e planejava invasões a cemitérios. Continuava magra, com o cabelo um pouco mais comprido, os olhos fundos e sulcados. Uma leve mancha roxa emoldurando o olho esquerdo deixava claro que ela havia sido agredida. *Como você está?*, perguntei. *Vou vivendo como Deus quer*, sorriu. E você? Conteí as poucas novidades sobre minha vida, que ela ouviu com estranha atenção. *Seu marido não se aborrece se nos ver conversando?*, indaguei. *Ele não está aqui. Deve estar com a amante em algum lugar*. Sorri e fiz menção de voltar para a mesa, quando ela segurou meu braço: *Podemos conversar amanhã, na velha sorveteria?* Respondi que sim e voltei à mesa.

No dia seguinte, lá estávamos nós, quase dez anos depois. Joana a princípio falava em tom baixo, como se alguém fosse ouvi-la e puni-la por falar. Depois começou a se exaltar e avistei resquícios da Joaquina do passado. Ela relatou que vivia em uma espécie de inferno com o marido. Ele a traía sistematicamente, com uma amante fixa e muitas outras, quase sempre pagas. Era carinhoso quando parcialmente bêbado, mas, uma vez bastante embriagado se mostrava violento. Batia no filho, também. Por duas vezes voltou para a casa dos pais, que não a aceitavam. *Casamento é para sempre*, diziam. *Até que a morte que os separe*, como falou o padre.

*Por esta razão, tive uma ideia...* – sorriu. A princípio não entendi, lento que sempre fui. *E se Genildo morresse?*, perguntou. *Ele tem alguma doença?*, questionei, inocentemente. *Não, mas nunca se sabe. Ele pode beber uma xícara de café, se engasgar e passar mal...* Achei inimaginável aquele homenzarrão se engasgar com café. Joana começava a falar sozinha: *Ele gosta de café frio, imagina! Todo mundo gosta de café quente e ele deixa o café esfriar para beber...*

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2019.

---